



Gaiato



4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração, fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (0 5 5) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Quinzenário • 5 de Agosto de 1995 • Ano LII - N.º 1341 — Preço 30\$00 (IVA incluído)
Fundador: Padre Américo — Propriedade da Obra da Rua
Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fogo vivo ao longo de quatro anos

O Postulador pediu em nosso nome e em nosso nome agradeceu. Lá, no acto de clausura em que a palavra nossa era dele. Mas tal não nos dispensa de repetirmos, aqui, neste lugar que abrange uma assembleia mais vasta do que a que encheu por completo a Sé do Porto, o nosso muito obrigado caloroso a Deus e aos homens que Ele dispôs para accionar este Processo.

Nem é o trabalho nem o tempo dados por quem, de ministérios seus, tem tanto que fazer; é o amor com que os deram, o entusiasmo que em todos se manteve fogo vivo ao longo destes quatro anos— o objecto primeiro e mais profundo da nossa gratidão.

Foi um tempo esforçado mas feliz que adensou a fraternidade connosco dos que tiveram sobre si a missão de examinar todos os escritos de Pai Américo e de pronunciar-se sobre eles; de criar o esquema dos trabalhos e promovê-los; e de organizar toda a documentação fruto deles reunida. E foi, com certeza, oportunidade de conhecimento da Obra e do seu Fundador que nos granjeou a amizade seriamente fundada dos dois mais jovens membros do Tribunal Eclesiástico.

Bendito seja Deus por esta graça; pela gratuidade que marcou o pensamento e a vida de Pai Américo; a qual, de tão bem entendida e convivida, marcou igualmente o Processo para a sua Beatificação.

Bendito seja Deus pelo interesse constante e apoio carinhoso do Senhor Bispo do Porto, a quem o Processo pertence desde o início e a partir de agora mais que nunca.

Bendito seja Deus pelo grande encontro da família de dentro e da família de fora, na Sé e seu terreiro, nesta tarde de 16 de Julho. À noite, durante toda a noite, trinta e nove anos se cumpriram sobre reunião semelhante na Igreja da Trindade, seu adro e ruas convergentes. Muitos presentes de agora o foram então — fidelidade que o tempo não gastou. Os outros que já não são de cá, que estejam com Pai Américo Lá, na imensa Igreja Triunfante, a morada onde o cremos e a todos queremos.

Padre Carlos

Acto final do Processo em ordem à glorificação canónica de Pai Américo

Alocução do Senhor D. Júlio na Sé Catedral do Porto

In medio Ecclesiae aperuit os eius.

Não é com preocupação de oratória sacra que iniciamos esta nossa breve e simples intervenção, no acto final do Processo levado a cabo em ordem à glorificação canónica do Padre Américo Monteiro de Aguiar, filho desta diocese do Porto, glória do clero de Coimbra, e orgulho do Portugal cristão a que pertencemos. Não é com preocupação de oratória, porque tal não tem cabimento aqui, numa simples sessão de clausura dum processo.

Mas, em primeiro lugar, o processo não foi de crime, foi de virtude. Não foi de maldade — nem sequer de mediocridade (que esta não se processa) — foi de santidade e heroicidade na prática do bem. E, em segundo lugar, as conclusões a que o Tribunal chegou após quatro anos de inquérito e desde que a Santa Sé deu o necessário *Nihil obstat*, essas conclusões não são negativas, mas altamente positivas. Por isso, a sua clausura — que é a sua abertura e publicação oficial — não se faz a portas fechadas, mas, até no sentido material e físico da expressão, «no meio», exactamente no cruzamento do transepto desta vetusta Catedral portugalense: *in medio Ecclesiae*.

É certo que a boca que no meio desta igreja catedral se abre, não parece ser a dele, a proclamar o Evangelho, e sim a nossa, a proclamar o Evangelista. Mas a verdade é que... nem uma nem outra; é sim a voz de Deus, num novo *Epheta* — o dedo de Deus num *Ecce novissimo* — a abrir horizontes de fé e amor, a apontar exemplos de Evangelho vivido. Que, quanto a ele, quanto ao Padre Américo, não foi a Igreja espaço físico, mas a Igreja espaço espiritual, aquela em que ele abriu a boca; não foram os púlpitos dos grandes sermões nem as praças dos comícios exaltados, com multidões a aplaudir; foram os tugúrios e as barracas sem luz, as vielas com a dor da pobreza e do abandono — foi aí que ele fez ouvir a sua voz, revelando-se «cheio», dum plenitude transbordante «de sabedoria e inteligência», como diz o nosso texto.

Ensinou àqueles que ensinam a doutrina social da Igreja

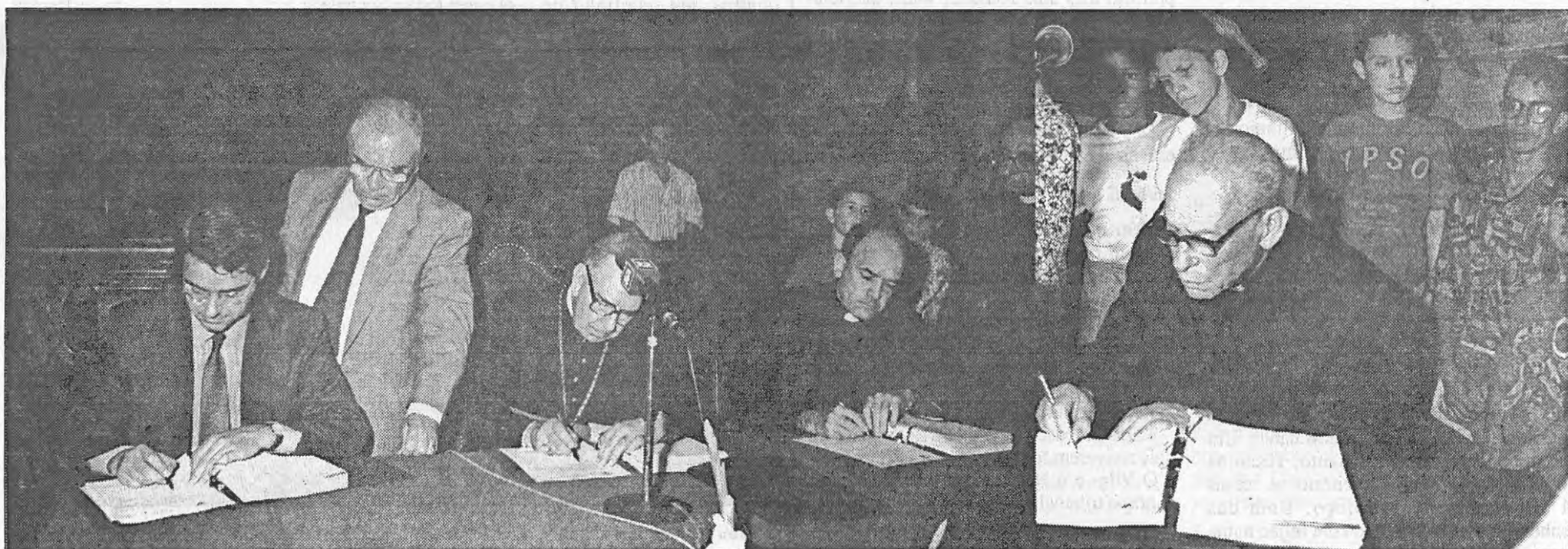
As palavras do intróito litúrgico por que começámos, são do «Comum dos Doutores da Igreja». Doutor é aquele que ensina. O Padre Américo foi mestre como poucos e como os que

mais o são; porque, doutor dos doutores, ensinou àqueles que ensinam: àqueles que ensinam a doutrina social, por arrastamento; àqueles que ensinam a doutrina social da Igreja — já que hoje assim se chama à vivência da Caridade evangélica — a esses ensinou-os *ex cathedra*, de modo demonstrativo. Porque quem lhe abriu a boca foi o Senhor: *in medio Ecclesiae aperuit os eius*.

Nós, já não podemos ouvir, fomos ler as suas teses: nos quatro volumes do *Pão dos Pobres*, no *Obra da Rua*, nos dois volumes do *Isto é a Casa do Gaiato*, n' *O Barredo*, no *Ovo de Colombo*, nas crónicas de *Viagens*, nos três volumes de *Doutrina*, no *Cantinho dos Rapazes*, nas *Notas da Quinzena*, em suma: nos sucessivos números do quinzenário *O GAIATO*. E essa palavra escrita foi para nós um curso maravilhoso, um curso verdadeiramente superior no pleno significado da palavra, em que a teoria... Mas será que teoria existe? Existe sim, e mais que uma tese de doutoramento foi já elaborada nessa base. Mas uma teoria de tal modo decorrente da prática, que a vivência é tudo. «Abriu a sua boca», e ensinou. Oralmente também. Mas sobretudo patenteou a sua obra: mostrou e demonstrou. Segundo o método prescrito pelo Divino Mestre: «Vejam... e dêem glória». «Vejam as

Continua na página 3

Mesa do Tribunal Eclesiástico



Voto de Pobreza

PAI Américo foi Pobre. Fez-se Pobre. Quis fazer voto de Pobreza. A pobreza levou-o longe. Enriqueceu-o de tantos e tão grandes dons que o elevava à profundidade da intimidade com Jesus, sofrendo...

No trabalhador do campo pelas mãos de quem passava o trigo que a sua boca não provava;

No rapaz de fato e sapatos rotos cujo salário não dava para vestir e calçar;

Na mãe que deambulava pela cidade com sua ninhada de filhos à busca de algo para matar a fome;

Na doente vítima da exploração a que foi sujeita; No enganado que dele fazia chacota e na hora da verdade morria nos seus braços;

Na família trabalhadora e

honrada, ontem suficiente e hoje escondida para não mostrar a sua fome;

No rapaz tuberculoso, sem esperança de vida e menos ainda de ter um Pai;

Os mais desprezados. Os mais injustiçados. Fome e sede de justiça. A fraqueza que dava força e enchia o peito de Pai Américo e o impelia ao encontro do seu Senhor, naqueles em quem Ele precisa de ser servido.

Por isso todo o Pobre, qualquer que fosse a sua cruz, no meio das trevas brilhava aos olhos de Pai Américo e nele despertava a compaixão daquele que conhece quem ama. E ia, impellido...

«Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.» Felizes os que têm esta fome e sede. Pai Américo foi feliz, é feliz. Porque acreditou:

«As grandes realizações do mundo que assombram e desorientam os homens de contas e do papel selado, têm a sua base nas forças espirituais e o seu segredo no Evangelho escondido na Palavra do Mestre: 'Procura em tudo o Reino de Deus e o mais está assegurado.'»

Padre Júlio

NOTA DA REDACÇÃO

Programa da cerimónia

Acerimónia de encerramento do Processo de glorificação canónica de Pai Américo, em 16 de Julho, na Sé Catedral do Porto, repleta de Amigos de todo o País e gaiatos de todas as gerações, constou de duas partes. A primeira, abriu com uma oração, sendo depois lida a acta pelo Notário, assinada pelos membros do Tribunal que procedeu à sua inserção no Processo original e cópia do Transunto a enviar para Roma (Sagrada Congregação para a Causa dos Santos). Depois foi a lacragem da caixa com o Transunto, três exemplares de todo o *dossier*, e entrega ao Postulador que se comprometeu a fazê-lo chegar ao seu destino — Roma. Com tudo isto se considera encerrada a última sessão do Tribunal *ad hoc* e a fase diocesana do Processo de glorificação canónica de Pai Américo.

Na segunda parte, o Notário, Padre José Maria

Gonçalves Moreira, leu uma breve descrição sobre os documentos coligidos e sua organização.

O Juiz Delegado, Padre Doutor Jorge da Cunha, referiu de como decorreu o Processo.

O Postulador, D. Gabriel de Sousa, Abade emérito do Mosteiro de Singeverga, acentuou que «*postular quer dizer pedir*» e, sumariamente, aludiu às diligências feitas e a fazer.

O Senhor Arcebispo-Bispo do Porto, D. Júlio Tavares Rebimbas, que promoveu a Causa e organização do Processo, acompanhando-o com o maior interesse, sublinhou as virtudes heróicas de Pai Américo — como os outros membros do Tribunal, cujas alocações publicamos na íntegra.

Com uma oração final de acção de graças e a bênção do Senhor D. Júlio terminou o acto que marcou um ponto alto na história da Igreja do Porto.

Sentimento interior de união

Hoje, dia de Pai Américo, procurei que os rapazes estivessem o mais unidos possível com a Obra aí. Celebrámos à nossa maneira e fomos almoçar ao

Moçambique

refeitório novo, claro que sentados no chão à africana. Ainda não temos o telhado em cima. Mas a madeira

está já em três casas. Falta o último dormitório que vai começar, em reboco. Procurei durante o dia

imaginar como terá sido aí, mas só consegui aquele sentimento interior da união convosco, que foi mais viva que nos outros dias em que se anda com tantas preocupações que só na oração a gente se liga.

Padre José Maria

Património dos Pobres

JÁ há muito tinham chamado a nossa atenção e pedido a nossa ajuda para esta miserável habitação, mas só agora pudemos atender.

Fomos ver. Uma tarde toda de domingo. Estavam em casa e entrámos. A cozinha,

com chaminé toda rachada, cheia de muitos utensílios, a sala atulhada de roupa usada, os dois apêndices mais baixos servem de quartos de dormir. Num, dorme a avó com os três netos e no outro fica o casal com o bebé prestes a nascer. Neste mesmo quarto

criou a avó os seus sete filhos. O chão, de toda a casa, é de terra batida, salpicada de eimento. Não há janelas de vidro. Quarto de banho nunca existiu e notam-se muitas cagadinhas à volta. O telhado tem muitas telhas de falta e parte dos barrotes vergados e apodrecidos. Ficámos abismados com aquela miséria.

Dali fomos à sede da freguesia à procura do pároco. Onde há tradição religiosa deve ser a paróquia a cuidar dos seus Pobres. Andava a presidir a procissão e não esperámos. Voltámos ao mesmo lugar e dali fomos falar a um construtor. Depois, já com este, regressámos. Demos nova volta ao miserável casebre. Vimos a urgência nas obras. É necessário dar já volta ao telhado e fazer nova chaminé; construir, ao menos, dois quartos, um quartinho de

banho e uma cozinha para arrumos. Fazer janelas de vidro e preparar instalação eléctrica — que nunca tiveram. Só é pena que tudo isto não seja feito para oferecer como enxoval ao bebé que vai nascer. A mãe tem vinte e cinco anos e o pai parece que só aprendeu a dormir. Um dia em que lá aparecemos, à uma da tarde, ainda estava a dormir, apesar dos ralhos da sogra. Informaram-nos de que ficou órfão, em pequenino, e nunca teve ninguém que cuidasse da sua educação. Nunca aprendeu a agarrar-se ao trabalho.

O mau estado do casebre e a situação daquela família exigem que não haja demoras. Depois do Verão virá o Inverno. Há muitas vidas a salvar e muitas delas são inocentes. Ali mesmo resolvemos pôr mãos à obra. Fizemo-lo como um dever que tem toda a Sociedade.

Há situações que não esperam e não se podem fazer esperar. Temos de andar para a frente, pois sabemos a Quem servimos. É o Senhor muito presente naquelas crianças e seus pais. Não há tempo de fazer contas.

É necessário pôr uma tábua de salvação para que todos possam passar por ela. Os de consciência tranquila e os que a têm carregada. Os que querem e aceitam os filhos e os que não os querem e até os matam. Todos somos chamados a esta cruzada.

Nas nossas voltas, a carência de habitação é maior nas famílias numerosas. Os salários, se os há, mal chegam para a alimentação... A habitação e outras despesas deviam estar à conta dos que têm bons ordenados e com poucos ou sem filhos.

Ficamos tristes de ver, no relatório de uma organização, a nível mundial, que em 2030 Portugal terá menos um milhão de portugueses. Onde isto vai parar!...

Padre Horácio

MALANJE dia-a-dia

18/6/95

Corpo de Deus!

A suavidade desta presença real e palpante!

Sempre, neste dia, Ele tem saído connosco pisando o carreiro de «pétalas» vermelhas das buganvílias. Nós, cantando; Ele olhando — na profundidade do Seu silêncio — os campos, as casas, as flores e os nossos corações.

A Sua presença é a montanha maior, o pico mais alto de neve e o mar mais tranquilo!

Esta realidade ultrapassa-nos!

Ele é todo o bem, a prioridade, a primícia! Fora d'Ele todo o resto não tem grande importância.

Que pena andarmos tão longe desta realidade...

20/6/95

Um grupo de senhores e senhoras da P. A. M. esperaram na nossa Aldeia a primeira coluna de camiões a chegar de Luanda. Um acontecimento feliz! Enquanto, viram as nossas instalações. No refeitório, as mesas já servidas para o almoço. Uma das senhoras remexeu o molho com feijão numa

terrina, aspirou o perfume e disse sorrindo: «Delicioso!» Um senhor acrescentou: «Como é que a vossa Obra não vem nos jornais?»

Não somos uma propaganda, uma política, mas uma realidade onde, quotidianamente, o amor imprime o andamento.

O roncar dos camiões chegou até nós e eles foram para festejar em alegria a chegada da coluna carregada de géneros.

Vimos o desfile em direcção a Malanje.

Depois de tantos meses de angústia — este sinal evidente de esperança.

25/6/95

Nem tudo sempre sobre os carris... De vez em quando, um descarrilamento. A fragilidade da nossa natureza! Vasos de argila!

Desta vez foram o Adão e o Quinto: os dois, já responsáveis, a venderem na feira conservas que tiraram da despensa.

O Adão era o despenseiro. Não resistiu à tentação e calu.

Tribunal e decisão dos chefes: um mês ou dois a viverem fora de casa e à sua custa.

O Vilas e o Nelito foram os vendedores. O nosso tribunal vai ler-lhes a sentença.

Padre Telmo



O mau estado do casebre e a situação da família exigem que não haja demoras

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Julho: 74.000 exemplares.

Breve descrição do Processo

Durante quatro anos: 75 sessões, 6000 folhas de papel, mais de 3800 fotocópias.

CHEGOU ao fim o processo informativo sobre a vida, virtudes e fama de santidade do Padre Américo.

A Igreja canoniza pessoas que se distinguiram pela forma heróica como viveram a sua fé ou pelo testemunho que dela deram pelo martírio. Os santos são modelo e são intercessores e contribuem para criar a comunhão na Igreja.

Para que o Papa faça a declaração de um santo, autorizando o seu culto na Liturgia, é necessário que se organize um processo informativo em que sejam ouvidas pessoas que tenham conhecido de alguma forma a pessoa e possam prestar declarações sobre a forma como viveu a sua fé. É necessário, então, que haja uma entidade que proponha — são os autores, neste caso os autores são os padres da rua. Sendo uma entidade, é necessário que haja alguém que os represente para dar todos os passos necessários à abertura do processo — é o postulador. Neste caso, é o senhor D. Gabriel de Sousa, que é também primo do Padre Américo. A nomeação do postulador deve ser aprovada pelo Bispo da diocese onde se organiza o processo.

Qual é a diocese que tem competência para organizar o processo? É aquela em que morreu a pessoa que se propõe à canonização.

O processo é informativo e não judicial. Por isso, é constituído apenas por um juiz delegado do Bispo da diocese, por um perito em direito, o *promotor de justiça* e um notário a quem compete redigir todos os documentos e as declarações das testemunhas. Não há portanto advogados porque não se trata de defender o direito de ninguém, já que ninguém tem o direito de ser canonizado.

Se o servo de Deus deixou escritos publicados, devem ser nomeados peritos em teologia para declararem a sua fidelidade à doutrina da Igreja. Os milagres, caso os haja, são objecto de um processo especial, no qual devem intervir peritos em teologia e em medicina.

É ao postulador que compete apresentar o rol de testemunhas a serem ouvidas pelo tribunal.

Neste caso, foram apresentadas sessenta e oito testemunhas. Destas, entretanto, faleceram nove. As testemunhas devem ser ouvidas pelo tribunal competente, que é o tribunal da diocese da sua residência.

Pelo tribunal de Lisboa foram ouvidas cinco testemunhas indicadas pelo postulador e mais uma *de officio*.

Em Coimbra, foram ouvidas onze testemunhas e mais uma *de officio*. Duas não puderam ser ouvidas, atendendo ao seu precário estado de saúde e duas outras já tinham falecido.

No Porto, foram ouvidas trinta e uma testemunhas e mais duas *de officio*, como manda o direito. De acordo com os autores e o postulador, o tribunal dispensou algumas testemunhas, dado que não se esperava que trouxessem elementos novos ao processo.

O tribunal do Porto realizou 75 sessões, durante quatro

anos. Gastaram-se no total 6.000 folhas de papel. Fizeram-se mais de 3800 fotocópias.

A demora do processo no Porto deveu-se a que os oficiais do tribunal nomeado para o caso tinham também outras obrigações e um deles foi entretanto sujeito a uma intervenção cirúrgica.

O processo vai agora para Roma, mas a demora aí será ainda maior.

A todos nós, que gostaríamos de ver o Padre Américo aureolado com as honras dos santos, resta-nos aguardar de uma forma activa, isto é, rezando e pedindo ao Senhor que faça graças extraordinárias por seu intermédio.

Padre José Maria Gonçalves Moreira — Notário



Muita gente na Sé Catedral do Porto

Alocução do Senhor Arcebispo-Bispo do Porto

Continuação da página 1

vossas boas obras e dêem glória ao vosso Pai que está nos céus».

De facto, não tem faltado quem aponte o Evangelho como uma utopia. Padre Américo refutou semelhante opinião. Academicamente? Foi processo que não o preocupou. Praticamente, sim; preocupado com o «Sede perfeitos», e só pensando no «como o vosso Pai dos céus» a modos dum *ascende superius*, num imperativo de mais e melhor.

O seu carisma foi a vivência da Caridade evangélica

E se, na prática, o seu carisma foi a vivência da Caridade evangélica, o seu método foi a simplicidade. Pois se «o Senhor o encheu do espírito de sabedoria», a Bíblia nos diz que «é com os simples que a Sabedoria se entende»: *cum simplicibus sermocinatio ejus*. Quando, no princípio do Evangelho, Natanael pôs a Jesus questões, o Divino Mestre disse-lhe: *Veni et vide* — «vem ver». Padre Américo também procedeu assim: pegou do braço, e substituiu a preleção pela experiência.

Nós não podemos esquecer a palavra de S. Cipriano: *Christiani non multa loquimur, sed vivimus* — «os cristãos, os discípulos de Cristo, somos os que falamos pouco mas vivemos muito».

Padre Américo falou, e ouvi-lo falar era ficar encantado. Como de Jesus diziam os que foram encarregados de O ir prender e ficaram presos: «Nunca ninguém falou assim». Mas o seu assim — o seu modo — era a simplicidade. Modo raro, num mundo de verbosidade complicada.

O seu grande discurso, porém, era a sua vida. Vida dum jovem alegre e extrovertido, até ao momento da *martelada* de Deus, vida dum sacerdote simples e modesto a partir daí. Estamos todos a vê-lo, batina talar e capa traçada, no claustro pleno da universidade evangélica em que transformou a sua vida.

Presença exemplar cada vez mais viva e actuante

Faz hoje trinta e nove anos que ele morreu. Mas a nossa mesma presença aqui prova quanto é restrito e relativo o

significado do verbo morrer. A sua passagem pela terra foi de 69 anos (1887 - 1956). Mas a sua presença exemplar, e não só, essa cada vez se faz sentir mais viva e actuante entre nós.

Gostaríamos de, um dia, aqui nos encontrarmos de novo, não em acto processual, mas em assembleia de festa litúrgica — e não só a proclamá-lo *beato*, como os irmãos mais velhos lhe chamavam em criança, mas a invocá-lo como *santo*, já no catálogo daqueles que, entre nós e contemporâneos dele, se evidenciaram luminares de santidade: Sílvia Cardoso, António Barroso... Que a nossa diocese ainda dá santos...!

Nesse sentido fizemos o que nos foi possível, no Processo ora concluso. Mas não podemos esquecer o que o próprio Padre Américo deixou escrito: *Não são as coisas que se sabem dos homens de Deus, que os levam à glória dos altares. O melhor não se sabe. Eles não o disseram. Por isso é que, por muito que os autores digam, são sempre incompletas as Vidas dos Santos.*

Confidências

Mesmo assim, incompleta, vamos mandar para Roma o Processo desta, ficando a aguardar sobre ela o júízo da Santa Igreja.

Mesmo assim, incompleta, fazemos dedicatória desta aos homens, de modo particular aos desmotivados jovens do nosso tempo, que ouvimos lastimar: «são razões de viver o que nos falta». Que eles oiçam esta confissão do Padre Américo: *No conceito da sociedade que abandonei, o padre é um homem inútil e prejudicial; a religião uma*

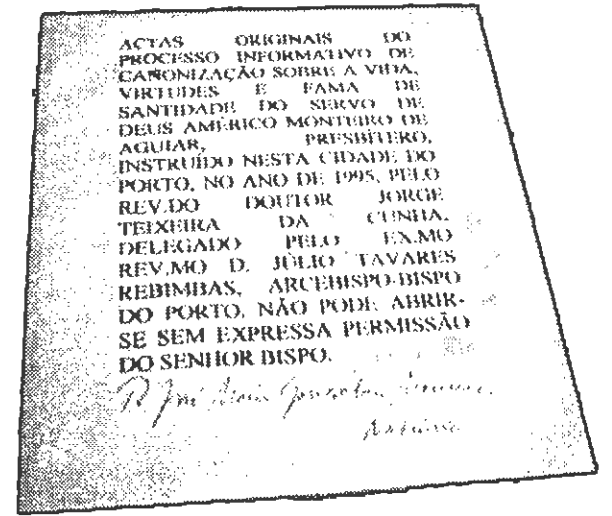
fábula e Deus um mito. Eu mesmo assim considerava as coisas! Hoje, porém, vejo a verdade e quero convencer os que deixei. Com argumentos? Inútil. Como então? Subindo, para que me vejam. Subir como? Desprendendo-me do que tenho e do que sou.

Mesmo assim, incompleta, apontamos esta vida aos padres da nossa Diocese e do nosso Portugal, que, se já não é terra de missão, também não é terra de promissão e passou a ser campo de reevangelização. Que eles, os nossos padres, oiçam esta oração e estas confidências do Padre Américo: *Senhor, que eu saiba pegar sempre na vida dos Pobres com jeito de amor... Para isso me fiz padre... Dá-me que eu seja sempre padre, que quer dizer e é pai. Pai de todos e mais ainda dos Pobres. Dai-me que eu seja sempre sacerdote, que quer dizer e é sacrificador e sacrificado. Venho do altar, e trago este peito escaldante, a arder...*

Mesmo assim, incompleta, apresentamos esta vida exemplar a todos. Que todos e cada um oiçam de sua boca afirmações como estas: *Ai que se tu soubesses como é lindo o Evangelho dos Pobres... se tu tivesses a experiência da força estupenda que este Evangelho tem..., os montes caminhariam à tua frente, e tu, silencioso, com a chave do mundo na mão, cantarías a vitória.*

Apresentamos a todos o exemplo duma vida assim. E mesmo que «o melhor dela se não saiba», possa o alcance e valor dela experimentar-se, num movimento contagiante de ideal cristão a todos os níveis, para que Deus seja mais amado, e para que o mundo seja melhor.

D. Júlio, Arc. Bispo do Porto



«A vox populi vai ali condensada — ali, no acervo das provas testemunhais que constituem aqueles dossiers que eu me comprometi a fazer chegar a Roma» — afirma o Senhor D. Gabriel.

canónica. Diríamos que há dois Processos de glorificação: *canónica*, e *evangélica*.

A glorificação evangélica... pois: é aquela de que fala Jesus no Evangelho, quando diz: *Videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum qui in coelis est*: «Veja o mundo as vossas obras, as vossas boas obras, e glorifique o vosso Pai que está nos céus». Esse processo pode dizer-se concluso: *Videant et glorificent* — «Vejam e glorifiquem» — é o facto histórico que temos verificado: o povo viu: viu a *Obra da Rua* — as *Casas do Gaiato*, o *Calvário*, o *Património dos Pobres* — viu e glorificou. Chamamos a isto Processo de glorificação evangélica, e por outros termos é a *vox populi* — a voz do povo.

Há dois Processos de glorificação: evangélica e canónica

Dissemos que este Processo é de glorificação

exemplares. E à *vox populi* junta-se a voz da Igreja.

E a aglutinar estas duas vozes, temos a voz de Deus, no Seu heterónimo, o *milagre*, a justificar a velha máxima: *vox populi, vox Dei*.

Desde agora a postulação passa a ser colectiva

A *vox populi* vai ali condensada — ali, no acervo das provas testemunhais que constituem aqueles *dossiers* que eu me comprometi a fazer chegar a Roma. E quando a *vox Dei* com ela se fundir, a *vox Ecclesiae* não será mais que a do altifalante transmissor. Quando a ouviremos?

Espera, Povo de Deus! Desde agora, a *postulação* passa a ser colectiva. Porque *todos* solicitaremos de Deus a glorificação oficial de quem tão devotadamente O serviu. Assim Deus nos oiça!

D. Gabriel de Sousa, O.S.B. — Postulador

Postulador

Padre e Pai

NO Processo que hoje aqui se encerra eu fui postulador — logo fui pedinte. Bem, no momento da dávida, hei-de dizer Obrigado.

Pedinte em nome de alguém. Não direi em nome daquele sacerdote que, por amor de Deus, se fez mendigo do próximo, e cujo nome paira nesta nossa reunião, mas em nome da Obra que para o continuar ele instituiu e que foi quem me designou postulador — a Obra da Rua. Por isso o meu Obrigado é o Obrigado

dela, e soa mais alto e tem mais valor.

Claro que, numa Causa como esta, todo o pedir é a Deus — cuja é a Causa, afinal. Mas essa é outra ordem de ideias, que se põe e se supõe e se transpõe com um sentido *Deo gratias*. Graças a Deus por nos ter permitido chegar a esta hora, que é a hora final dum processo que durou bem mais de três anos. Mas, depois de Deus, também se há-de agradecer aos homens — aos homens que às ordens de Deus se puseram para a construção das bases dum monumento que à glória de Deus se destina,

pois é nos Seus santos que Deus Se mostra admirável. E já com isto estou a dizer que só um monumental Obrigado aqui tem seu cabimento. A quantos neste Processo trabalharam...

— Obrigado. Muito obrigado.

Este processo foi de glorificação canónica dum homem, dum sacerdote, que ultrapassou as raias do comum, no programa que nos é proposto na Liturgia da Palavra deste Domingo, o programa de amar e servir a Deus e ao próximo — a Deus no próximo: o Padre Américo Monteiro de

Aguiar, que actualizou o arqueologismo *padre para pai* — e isso *verbo et opere*.

Nas três iniciais do seu nome, ele descobriu o imperativo do verbo amar: AMA. E obedecendo a tão forte e simples imperativo, pautou por ele a sua vida. E de tal modo, de modo tão eloquente, que o mundo o notou de raro, e Deus o registou de autêntico.

DELEGADO EPISCOPAL

Muitas foram as testemunhas que se apresentaram a depor sobre o Pai Américo

CHEGA hoje a uma feliz conclusão um longo trabalho de cerca de quatro anos, em que nos ocupámos da existência de um homem e de um sacerdote bem conhecido de todos: o Padre Américo Monteiro de Aguiar, tratado por muitos, de forma familiar, por Pai Américo.

Dele resulta, como efeito mais visível, este material considerável, reunido metódicamente, que regista tudo quanto este tribunal recolheu e considerou útil para caracterizar a existência humana e a figura cristã de alguém cuja presença, no último meio século, não deixou de se afirmar cada vez mais no meio do povo de Deus e da sociedade portuguesa.

Em dezenas de sessões, muitas foram as

testemunhas que se apresentaram a depor sobre o Pai Américo. Para além da comovedora dedicação filial que vimos em boa parte dessas pessoas, em todas vimos uma disponibilidade, uma grata memória que não podemos deixar de olhar como sinal da corrente de graça que gira à volta desta singular personagem. Neste momento conclusivo, os membros deste tribunal a todos agradecem o esforço de se deslocarem aqui para depor, e penitenciam-se se, por sua incompetência, para alguns, a grata tarefa de falar do Padre Américo se tornou menos criativa por força de estar sujeito a uma fórmula de interrogatório elaborada antecipadamente.

Enquanto Delegado Episcopal quero,

neste momento, agradecer, primeiro a D. Júlio Tavares Rebimbas, pela confiança depositada neste tribunal para a realização desta tarefa; seguidamente, ao autor da causa, a Obra da Rua e ao Postulador, D. Gabriel de Sousa, pelo apoio que sempre facultaram de vários modos, para que este trabalho fosse levado a termo; às Diocese de Coimbra e Lisboa e respectivos tribunais que, a instâncias nossas, organizaram a parte do processo referente às testemunhas residentes na sua área; ao Tribunal Eclesiástico do Porto, pela cedência de instalações para as sessões e pela paciência para harmonizar horários de uns e de outros. Finalmente, aos membros do tribunal, o Rev. Doutor João

Campos, Promotor de Justiça que, com grande dedicação sempre compareceu nas sessões, esforço dobrado quando passou, por imperativos do Instituto a que pertence, a habitar em Braga, e o Rev. Padre José Maria Gonçalves Moreira, Dig.mo Reitor da Igreja da Santíssima Trindade o qual, não obstante os seus muitos e prestigiados afazeres, dedicou um número enorme de horas do seu tempo à organização da parte material deste processo. Agradeço também a presença de todos, especialmente da Comunicação Social.

Que o esforço de todos seja coroado de êxito e a graça do Senhor desça sobre a vida de todos e sobre as suas actividades.

Padre Doutor Jorge Teixeira da Cunha — Juiz Delegado